

Audácia da esperança

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS
General de Divisão RI

“Esperança! Esperança diante das dificuldades. Esperança diante das incertezas. A audácia da esperança!” São excertos do discurso de Barack Obama que eletrizou a convenção democrata de 2004. É isso: esperança. Conquistá-la é um esforço individual custoso se estamos mergulhados na caverna.

Este fim de semana, na ânsia de construir esperança, releio o sociólogo Manuel Castells, em sua obra *O Poder da Comunicação*. Buscava compreensão para os desafios que a sociedade brasileira enfrenta, tais como a avassaladora pandemia, a inepta falta de gestão dos poderes e o descaso dos indivíduos. Combinação dantesca.

A obra trata das relações de poder, base organizadora da sociedade. Segundo Castells, elas são construídas na mentalidade das pessoas por meio de processos de comunicação. Deseja influenciar, transforme a mente das pessoas. Construa boas mensagens. Atenção: “a mensagem só é eficaz se o receptor está pronto para ela e se o mensageiro é identificável e confiável.”

Os meios de difusão são velhos conhecidos. A credibilidade ainda reside nos tradicionais, mas a idílica imprensa, sem inclinações políticas, está em extinção. No conflito entre cognição e emoção, as pessoas tendem a escolher a informação alinhada à decisão que estão propensas a tomar. O cérebro político é emocional. Indivíduos são “avarentos cognitivos” (Popkin, 1991).

Tudo isso serviu como pano de fundo para analisar a futura campanha eleitoral. São três agrupamentos. Um ligado ao ex-presidente Lula, um ligado ao atual presidente e um terceiro que aglutinaria atores mais ao centro, críticos das extremidades ideológicas.

Como a sociedade decidirá entre esses ajuntamentos? As pessoas votam no candidato que provoca os bons sentimentos e não naquele que apresenta os bons argumentos, portanto, a resposta à pergunta: com o emocional.

O novel agrupamento precisa martelar na opinião pública uma narrativa propositiva que reúna um número maior de ideias virtuosas. Nas palavras de Lakoff, “a batalha política é uma batalha de enquadramento”. É preciso ser ágil diante dela.

Seria utópico incentivar mudança de comportamento dos contendores da próxima ronda eleitoral? Obrigá-los ao debate aberto sobre políticas públicas. A mostrar sua visão de como tratarão os problemas e as soluções acordadas. Nada de histrionismos!

No processo decisório dos governos atual e anteriores, é fácil encontrar desvios comportamentais e de gestão. Esses ainda precisarão ficar às claras. É outra boa temática na púbera política que se almeja. As campanhas são momentos decisivos do processo de escolha. Mas a construção de uma candi-

datura é labor de informação e difusão de emoções.

As imagens relevantes moldam a mente do público, sendo difícil de alterar. O mais importante é o caráter, como o candidato se apresenta e como é realmente (sem os marqueteiros). A menos que algum evento realmente dramático ocorra próximo do momento da tomada de decisão, é isso que prevalece.

Uma pesquisa antiga relata que as pessoas destacam como as mais importantes características esperadas em candidatos: honestidade, inteligência e independência. Uma campanha que valorize a capacidade do candidato sob esses três pontos e que, ao mesmo tempo, ilumine ações contrárias em seus rivais, favorecerá aquele que seja portador mais claro desses predicados.

A grama do estádio foi trocada. A tática é conhecida. O novo deixou de ser novo. Será preciso que o velho super-herói vista uma nova capa. A antiga esgarçou. A kriptonita do poder está perdendo energia.

A imprensa há de ficar atenta. Seu trabalho na cobertura das autoridades detentoras do poder, por vezes, serve de palco para as ideias que reforçam as características dos personagens políticos. A ironia é que, à medida que a instituição da mídia desempenha seu papel na propagação de fatos desabonadores, ela enfrenta o risco de perder a legitimidade ante parte de seu público.

Por fim, se partidos levados ao poder pelo “voto de protesto” reproduzem a mesma negligência pela decência pública, acrescenta-se cinismo a uma cidadania já estafada. Parafrazeando Obama, há um vento favorável a nos guiar nesta encruzilhada da história brasileira. Podemos fazer escolhas certas e enfrentar os desafios juntos. É mister praticar o pensamento crítico. Não se deixar levar pela baixa rasância das mídias sociais. Exercitar a mente e fugir do mundo culturalmente poluído.

Paz e Bem!



Uma pausa para falar de trânsito

» ADRIANA MODESTO
Doutora em transportes pela Universidade de Brasília (UnB)

A pandemia da covid-19, dada a sua gravidade e o quantitativo de vidas ceifadas em pouco mais de um ano, tem requerido esforços por parte das autoridades públicas no que tange às medidas preventivas recomendadas pela comunidade científica; testado os conhecimentos de pesquisadores e especialistas; reclamado o sistema de saúde; exigido o trabalho de profissionais da saúde nos limites da exaustão; ocupado grande parte das pautas dos periódicos de notícias; tirado o sono da sociedade, sobretudo diante do propagado falso dilema, “a bolsa ou a vida”; e penalizado de forma mais severa estratos sociais mais vulneráveis.

No entanto, em razão da entrada em vigor das alterações do Código de Trânsito Brasileiro (CTB), solicita-se aos leitores a compreensão da necessidade de uma pausa na pauta prioritária para tratar da nossa epidemia cotidiana, os sinistros de trânsito, que igualmente penalizam de forma mais severa os segmentos sociais mais vulneráveis e cujos impactos incidem de forma contundente nos serviços de saúde que, nas circunstâncias da covid-19, sinalizam possibilidade de esgotamento de sua capacidade de atendimento. Sim, os determinantes sociais da saúde são ratificados tanto nas estatísticas de morbimortalidade em decorrência da covid-19 como nas dos sinistros de trânsito.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), entre os principais motivos para o óbito de jovens estão os traumatismos decorrentes dos sinistros de trânsito, o gênero masculino é aquele com maior participação nesses eventos, mais da metade de todas as mortes têm como vítimas pedestres, ciclistas e/ou motociclistas, e 90% das mortes ou lesões relacionadas ao trânsito ocorrem em países cuja renda da população é média e baixa.

Os prejuízos decorrentes dos sinistros de trânsito não se restringem às vítimas, provocam custos de 1% a 3% do Produto Interno Bruto (PIB) de grande parte dos países, requerendo das autoridades públicas a adoção de medidas preventivas. Saliencia-se, porém, que a responsabilidade por um trânsito seguro é compartilhada com a sociedade. Diante do exposto, deduz-se como elementos comuns entre covid-19 e sinistros de trânsito a influência da prevenção e do comportamento social. Tendo em vista as características inerentes ao trânsito, para se alcançar uma ambiência segura e organizada, é necessário contemplar dimensões da engenharia, educação, urbanismo, participação social e esforço legal. De mesmo modo como se interrelacionam, sendo corroboradas ou prejudicadas.

As alterações no CTB aludem à dimensão do esforço legal e contemplam 57 alterações que tratam desde validade, mudanças de categoria e condições para a suspensão da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), exame toxicológico, normas de circulação, vedação de penas alternativas para condutores condenados por homicídio culposo ou lesão corporal sob efeito de álcool ou drogas, pagamento de multas de trânsito, processo de formação de condutores, criação do Registro Nacional Positivo de Condutores (RNPC), entre outras.

As alterações propostas abordam diversidade de naturezas, e o conjunto delas é percebido como heterogêneo, tendo em vista os potenciais resultados ou desdobramentos. Há pontos que convergem às recomendações de segurança viária e outros são percebidos como uma espécie de afrouxamento da legislação de trânsito.

O que se argumenta é que, partindo-se do pressuposto do reconhecimento da falibilidade humana, há a necessidade de que sejam dispostas barreiras, compreendidas como mecanismos ou ações capazes de evitar ou mitigar os sinistros de trânsito. Ratificada a inferida dubiedade no conjunto das alterações do CTB, supõe-se a possibilidade de fragilização da dimensão do esforço legal comprometendo a abordagem sistêmica.

Por um lado, é necessário conhecer e respeitar a legislação de trânsito e respectivas alterações. Por outro, carece compreender quais parâmetros as fundamentaram, em quais arenas foram decididas, que forças influenciaram na composição do texto final, quais demandas foram priorizadas ou descartadas. Traçando-se um paralelo, conclui-se que tanto as ações pertinentes à pandemia quanto as ações pertinentes ao trânsito devem ser concebidas sob a égide da clareza de intenções, pautadas por parâmetros técnico-científicos, referendadas por boas práticas, sensíveis às recomendações de especialistas, ainda que, eventualmente, possam desagradar interesses de certos segmentos, pois o objetivo primordial é a preservação da vida em ambos os casos.

Covid-19: quando a vida passa pelas nossas mãos

» CLAUBER PAIVA REGES
Técnico de enfermagem. Servidor do Hospital Regional da Asa Norte

Mais um dia normal de plantão, um simples dia de trabalho. Cansado das horas de trabalho anteriores, porém disposto para mais 12 horas de plantão. Escalado na Ala 3. A ala que é o terror para todos. A Ala Covid. Tenho percebido que o terror não é pela quantidade de trabalho, que chega a ser estafante, que esgota as forças físicas e cansa as pernas. Mas pelo sentimento de derrota, impotência, por ver que as vidas estão se perdendo, escapando entre os nossos dedos e não podemos fazer além do que já nos propomos.

Esse plantão específico será difícil de esquecer. Recebemos o plantão com um paciente que acabara de ser intubado no leito 03.01. Todos falavam que o paciente relutou muito e nem queria realizar o procedimento de intubação. Paciente começa a desestabilizar, evolui para parada cardíaca respiratória (PCR), reanimamos por aproximadamente 30 minutos. Entre um ciclo e outro, escuto uma colega falar: “Força, cara, você tem quatro filhos pra criar”.

Essas palavras faziam um silêncio profundo por dentro. E o paciente voltou. Daí por diante, boa parte da equipe ficou o tempo todo em cima desse paciente. Paciente jovem, de 29 anos, bem forte.

Muitas medidas, drogas, soluções... Todos os recursos que ali estavam ao alcance da equipe foram usados. Porém tudo insuficiente. Por volta de 1 hora da manhã, o paciente apresentou nova PCR. Essa seria mais longa. Entre ciclos de reanimação e medicações, escuta-se novamente uma colega dizer: “Você não pode morrer, tem quatro filhos pra criar”. Aproximadamente uma hora de reanimação, e não obtivemos sucesso. É óbvio que, com equipe reduzida e esse tempo de reanimação, estavam todos exaustos. Por fim, quando nos demos por vencido, constatou-se o óbito às 2h06. Uma das médicas se aproxima do rosto do paciente, fecha seus olhos e com os olhos cheios de água faz uma última oração, uma bênção. Aproximadamente cinco horas em cima desse paciente e falhamos. Sentimento de triste-

za, derrota. O desfecho nos silencia.

Algumas pessoas me perguntam onde os profissionais da linha de frente conseguem forças para cabotismo. Sinceramente, não sei ao certo a resposta. Mas acredito que a nossa força venha de Deus. Mesmo nos momentos em que nos encontramos desolados, Ele parece que está tão perto, que chega a nos carregar no colo.

Nossa força vem da força dos colegas que se solidarizam conosco e sempre têm uma mão estendida para ajudar. Nossa força vem do rosto de esperança da equipe que, apesar do cansaço, não recua. Acredita que vencerá. Nossa força vem do pedido de socorro do paciente, que não consegue fazer mais o simples e depende dos nossos braços e pernas. Nossa força vem das orações dos nossos familiares: filhos, pais, esposas, maridos...

Aos que puderem, fiquem em casa. Mantenha isolamento social. Cuidem dos seus familiares. Sigam as recomendações do uso de máscara e higienização das mãos. Pessoas boas estão morrendo.